



DIREITOS ECONOMICOS NO BRASIL

Ref.: 12/2009 by Nilson Ribeiro

“Seja lá o que for fazer ou sonhar, comece...”

DIREITOS FEDERATIVOS

Não ha na legislação desportiva, qualquer denominação ou definição em relação a ``direitos federativos`` ou ``direitos econômicos``, que foram termos criados pelo próprio meio futebolístico. Tudo isto não passa de um neologismo jurídico / jornalístico.

O que ha, é um **vínculo desportivo** (que muitos dizem Direitos Federativos), de natureza trabalhista, acessória ao respectivo contrato desportivo, que se dissolve, automaticamente com o termino do contrato de trabalho ou com a quitação da clausula penal estipulada no próprio contrato.

Vínculo desportivo só pode ser realizado com as entidades esportivas (Clubes de futebol) Podemos concluir que o correto seria que os envolvidos no assunto (clubes, atletas, dirigentes, jornalistas etc.) falassem em **vínculo trabalhista** e **não** "direitos federativos".

Direitos Econômicos

É um termo criado pelo meio futebolístico que é a participação de um percentual no valor da clausula penal, na hipótese de ocorrer uma eventual negociação.

Muitas vezes, clubes e atleta são ``sócios`` na clausula penal, sendo os percentuais e valores acertados em um contrato particular de natureza civil. Porem, com o crescimento dos procuradores e agentes desportivos no mercado futebolístico, quando ha o acordo entre clube, atleta e agente desportivo, pode este, ter direito a um percentual sobre o valor da clausula penal.

Somente os clubes que poderá fornecer, via contrato civil, uma cessão de Direitos econômicos a terceiros. **A expressão correta seria dizer que o Agente , clube ou empresa tem x% participação nos direitos federativos do atleta.**

Muitas vezes, clubes e atleta são ``sócios`` na clausula penal, sendo os percentuais e valores acertados em um contrato **particular de natureza civil**. Porem, com o crescimento dos procuradores e agentes desportivos no mercado futebolístico, quando ha o acordo entre clube, atleta e agente desportivo, pode este, ter direito a um percentual sobre o valor da clausula penal.

Embora a FIFA tente proibir este tipo de participação, reconhecendo que a cláusula penal seja somente em favor do atleta ou do clube, os agentes desportivos tem através de acordos com clubes e com procuradores dos atletas, grande parte dos vínculos desportivos dos atletas.

Somente os clubes que poderá fornecer, via contrato civil, uma cessão de Direitos econômicos a terceiros. **A expressão correta seria dizer que o jogador tem x% participação nos direitos federativos.**

Resumindo:

Estas expressões não existem mais no mundo jurídico, inclusive não existindo nenhuma definição para essa expressão. O mencionado “**passse**” foi expressamente extinto pela Lei nº 9.615/98, conhecida como “Lei Pelé”.

Direitos Federativos é a ligação que um atleta de futebol possui com um determinado clube é meramente contratual, ou seja, o jogador assina um contrato de trabalho com uma equipe, estabelecendo o valor de seu salário e o tempo de vigência do vínculo de emprego, isto é, **o vínculo trabalhista.**

Quando se tratar da **transferência do jogador**, e for objeto de relações jurídicas e com benefícios econômicos, o correto é se falar em ‘**direitos econômicos**’.

Na prática, para o empresário ou agente **direito econômico** é quando a entidade esportiva (Clube de Futebol) transfere através de um **instrumento particular de cessão definitiva** dos direitos econômicos do atleta a um particular, PF ou PJ, já com o percentual definido. Este é o documento que o Agente ou o empresário tem como garantia de seu retorno de investimento

Contrato de cessão de direitos economicos (clube x agente)

- Geralmente o clube assina o primeiro contrato profissional com o Jogador por 3 anos e com renovação por mais 2 anos.
 - Cabe ao Agente negociar com o clube sua participação dele e do Atleta (ou os pais do atleta) nos direitos econômicos do jogador, no caso de uma futura negociação.
 - Quem vai dá este documento ao Agente, é o clube, onde o Agente aqui é um parceiro do clube.
 - Cada clube trabalha com um percentual diferente.
 - Clubes maiores e mais estruturados e como maior visibilidade, o percentual é bem menor (Em torno de 10%)
 - Este contrato vale durante o período em que o **ATLETA** mantiver contrato de trabalho com o **CLUBE**, de forma **amador ou profissional.**
 - Este contrato é o que garante o retorno de investimento no negócio Não adianta somente o empresário ganhar, todos tem que ganhar, o jogador, os familiares, enfim uma verdadeira parceria. O ideal seria o jogador ter o mesmo percentual do Agente, fica todos com a responsabilidade. **Exemplo:** Clube: 70% / Jogador/ ou seus pais): 15% / Empresário: 15%
- Muitos clubes exige que a participação dos direitos econômicos, seja PJ (Pessoa Jurídica)

POSIÇÃO DA FIFA

O agente de futebol não pode receber nenhum dinheiro em qualquer transferência do seu cliente.

Depois do término de sua participação no Campeonato Brasileiro, o Vasco anunciou a negociação do lateral-esquerdo Guilherme, de apenas 19 anos, com um grupo de empresários. No entanto, esse caso pode ter sido o último de repercussão com um enredo parecido.

A Fifa deve lançar, ainda neste ano, uma nova regulamentação para as transferências de jogadores.

A preocupação da entidade surgiu pela trajetória do argentino Carlitos Tevez, revelado pelo Boca Juniors, que foi contratado pelo Corinthians em 2005. Depois do clube paulista, o atacante passou por West Ham e chegou ao Manchester United. Porém, destino do jogador foi definido por um grupo de empresários ligados à MSI e a Fifa não teve acesso à parte financeira das negociações.

Segundo o jornal O Globo, a falta de transparência na relação entre clubes e empresários motivou a Fifa a proibir esse tipo de transferência. Depois do Natal, a entidade deve lançar um ato dizendo que apenas equipes têm autonomia para negociar atletas.

No Brasil, contudo, essa decisão da Fifa não deve causar grandes mudanças. Alguns dos grandes empresários do país já atuam com a proteção de clubes, e o caso mais famoso é o do Rentistas – equipe uruguaia que dá suporte aos negócios de Juan Figer e tem o Agente Eduardo Uram, que é dono de um clube da 2ª. Divisão de MG (**Tombense Futebol Clube**)

Graças a um mau exemplo brasileiro, a Fifa decidiu investir pesado na guerra contra os empresários que lucram através do futebol. Segundo informação publicada na coluna de Ancelmo Gois no jornal O Globo, a Comissão de Assuntos Legais da Fifa decidiu proibir os clubes do mundo afora de vender os direitos econômicos de jogadores para empresários.

Carlos Eugênio Lopes, diretor jurídico da CBF e membro da comissão da Fifa, revela que a entidade vai baixar um ato depois do Natal para determinar o cumprimento imediato da decisão.

A principal referência utilizada pela Fifa para tomar esta decisão foi o caso envolvendo o Corinthians, o jogador argentino Tevez, a MSI e o iraniano Kia Joorabchian. Vários fatos obscuros surgiram após a transferência do jogador para o West Ham, da Inglaterra.

Recentemente, três problemas parecidos de negociação de jogadores têm chamado a atenção. Além do caso do goleiro Felipe com o Corinthians, temos exemplos como o de Leandro Amaral com o Vasco e Thiago Neves, com Palmeiras e Fluminense. Em todos eles, empresários, jogadores e clubes não conseguem se entender. **A decisão da Fifa promete dar início a uma grande batalha jurídica**

05/02/2008 - . Hawilla, o dono da Traffic, é mesmo um avião. Porque a Fifa ameaça estabelecer que mais nenhum fundo de investimento ou mesmo pessoa física possam ser donos dos direitos econômicos de jogadores. O que ele fez, então? Copiou o Figer e comprou seu próprio clube, o **Desportivo Brasil**, ao qual os atletas estão vinculados. Assim, pelo menos oficialmente, o que acontece é que o Desportivo Brasil empresta jogadores para o Palmeiras, o Ituano e, quem sabe, o Santos também, mais pra frente.

A nova regra da Fifa e os empresários

Os contratos firmados entre jogadores e clubes de futebol nascem com o registro do contrato de trabalho entre clube e o atleta na respectiva federação, e assim sendo deveriam somente ser essas as partes interessadas no referido vínculo.

Porém, não é o que ocorre na prática, pois os clubes adotaram em seu cotidiano a negociação desses contratos de trabalho com terceiros "interessados", como empresários (pessoas físicas) e empresas (jurídicas), que realizam investimentos no intuito de receber participações nos direitos econômicos advindos de futuras compensações financeiras como pagamento pela ruptura dos contratos de trabalho antes do término de sua vigência.

Pelo fato de o mercado do futebol estar sempre em ebulição - movimentando cada vez mais dinheiro -, esse tipo de investimento ganhou força em inúmeros clubes, já que, por questão de sobrevivência e na busca incessante de novas formas de receitas, os times enxergaram-nos como a salvação do déficit econômico financeiro em que se encontram.

Porém, esse panorama deve mudar em 2008, quando começará a vigorar a nova regra da Fifa que proíbe que existam interferências dos tais terceiros nos contratos dos jogadores, sendo que os clubes não poderão negociar os direitos econômicos oriundos da relação empregatícia entre os clubes e jogadores. Em outras palavras, os direitos econômicos somente poderão ser cobrados nas transações internacionais por clubes filiados à organização da Fifa, não sendo permitido que empresários (e empresas) figurem como possuidores de direitos sobre tais transferências internacionais de jogadores.

Podemos analisar como exemplo o caso do goleiro Felipe, que possui contrato de trabalho com o Corinthians e outro contrato que define a divisão de seus direitos econômicos em três partes, sendo metade do Corinthians e a outra metade dividida entre empresários e o Bragantino.

Em conformidade a nova regra a ser implantada pela Fifa, provavelmente ocorrerá uma reviravolta nessa negociação, eis que os empresários do atleta estavam exercendo enorme pressão junto ao Corinthians, e se esqueceram que o clube é detentor da maior parte dos direitos econômicos, além de ser o clube que detém os direitos federativos do atleta Felipe.

Dessa feita, a referida norma pode ensejar em um enorme prejuízo aos empresários que possuem os 25% dos direitos econômicos do atleta Felipe, que correm o risco de ficarem a ver navios caso exista futuramente uma transferência do jogador para o exterior, pois não terão

mecanismos para intervir na referida transação, bem como para exigir qualquer pagamento junto à Fifa, que não reconhece essa operação como sendo legal, bem como afasta a legitimidade dos empresários em procurar a Fifa visando a solução dessa espécie de litígio.

Assim, em uma eventual transação para o exterior do goleiro Felipe, pelos regramentos da Fifa, tão somente serão assegurados os direitos aos clubes Corinthians e Bragantino de receberem o pagamento de compensação financeira devida pela transferência internacional do atleta.

Nesse andamento, as negociações que envolvem direitos econômicos de jogadores como no caso do jogador Felipe estão caminhando para um futuro tenebroso para quem, mesmo por contrato, investiu em jogadores visando obter lucro em uma possível transferência do atleta para o exterior, pois o clube poderá desconsiderar o referido contrato e negociar diretamente com qualquer clube do exterior.

Vale ressaltar que os empresários poderão acionar o Poder Judiciário para discutirem eventuais contratos na esfera Cível, visando cobrar seus investimentos, mas não exercerão nenhuma influência nas discussões referentes ao atleta, pois não possuirão, no âmbito do órgão máximo do futebol - a Fifa - legitimidade para cobrar quaisquer remunerações oriundas das transferências de atletas para o exterior, na condição de beneficiários diretos dos reflexos econômicos das mesmas.

Em suma, o contrato que os empresários do jogador Felipe possuem de participação de 25% sobre os direitos econômicos em uma eventual transferência do jogador ao exterior somente poderia ser exigido no Brasil, em procedimento judicial.

Contudo, com base na interpretação da nova norma da Fifa, entendo que os empresários, além de não poderem exercer qualquer influência direta nos contratos futuros do jogador, ainda podem arcar com o prejuízo de não obterem retorno por seu investimento, pois nada obriga os clubes possuidores dos direitos federativos, como no caso do goleiro corintiano, em repassar a parte incumbida por esse contrato.

Em outras palavras, os empresários do jogador Felipe estão nas mãos dos dirigentes do Corinthians e Bragantino, e se não existirem garantias de bens e/ou aval bancário que obriguem o cumprimento do referido contrato de promessa de cessão dos direitos econômicos, é provável que esses e os demais empresários venham a sofrer o famoso "calote".

Por fim, é obvio que existem inúmeras medidas que podem ser tomadas quanto a essa nova ordem da Fifa, e outras tantas interpretações sobre o tema, servindo realmente esse pequeno trabalho para fomentar o debate.

Mudanças jurídicas são esperadas para os futuros contratos, no que se refere aos chamados direitos econômicos de atletas, buscando-se a proteção dos interesses dos chamados "investidores" ou "empresários" esportivos.

Como conclusão desse trabalho, é imprescindível lembrar mais uma vez as normas internacionais editadas pela Fifa são aplicáveis também no âmbito interno brasileiro, consoante prevê a própria Lei 9.615/98, a Lei Pelé, em seu parágrafo primeiro, artigo primeiro.

Vêm aí, certamente, mais uma série de discussões judiciais sobre a validade e os efeitos legais dessas espécies de contratos firmados entre atletas, clubes e empresários.

Certeza, por ora, é que apenas o tempo dirá qual o efeito prático da nova norma da Fifa no mundo da bola. Ansiosos, todos nós aguardaremos.

JUSTIFICATIVA DO INVESTIMENTO NA CESSAO DOS DIREITOS ECONOMICOS DOS ATLETAS

O Brasil é conhecido como país do futebol. Cada vez mais os jogadores são vendidos a clubes do exterior. A cada mês, surgem notícias de jogadores que vão para clubes periféricos da Europa ou tentam a vida em países como Coréia, China, Qatar, Emirados Árabes e outros mercados alternativos do futebol.

Os grandes clubes de futebol sediados em populosas regiões metropolitanas estão repletos de garotos de várias partes do Brasil, especialmente do interior de estados sem tradição no esporte. “Todos estão atrás de jogadores diferenciados, e eles geralmente não estão nas capitais.”

Os empresários e clubes vão aos mais recônditos rincões do Brasil em busca de meninos de futebol “diferenciado”. O destino principal são os centros de treinamento de grandes times do Centro-Sul.

Muitas vezes os clubes reclamam que os empresários pegam muito dinheiro nas transferências e empobrecem o futebol brasileiro. Entretanto, os agentes podem ajudar os clubes a desenvolverem as categorias de base.

A gestão de qualquer grande clube é baseado nos investimentos nas categorias de base

O objetivo principal aqui para o Agente / Empresário é voltado para a ‘captação de talentos’ para as categorias de base dos grandes clubes brasileiros, onde nesta parceria o Agente fica com **parte dos direitos econômicos dos jogadores** e no decorrer da evolução da carreira do atleta há um acompanhamento por parte do agente.

INVESTIDORES EM ALTA NO FUTEBOL(05/12/2007)

Novos investidores e modelos de investimento aportam no futebol brasileiro a cada dia. Os direitos econômicos dos jogadores, que substituíram o passe, levaram ao futebol jargões de

mercado, como: ativo, realização e valorização. Na última janela inglesa, as negociações atingiram cifras de U\$ 280 milhões, o que apenas ratifica que há uma enorme demanda de mercado e que o Brasil entra nessa roda não apenas como exportador, mas também através de empresas que acreditam e investem no mercado nacional.

A Traffic, empresa de marketing esportivo que entrou no mercado de direitos econômicos há dois anos, administra hoje um fundo fechado de investimentos, mas anuncia para o próximo ano a abertura desse fundo, regulado pelas normas de mercado e fiscalizado pela CVM. "Um dos fatores que nos motivou a entrar nesse mercado foi a dificuldade que os clubes encontram para montar um time. Se imaginarmos que existem 20 países compradores e em cada um 20 clubes que, digamos, troquem 5 atletas, encontraremos um número de 2 mil transações. Temos que tratar isso como um grande negócio porque a demanda é enorme", analisa Julio Mariz, Diretor Executivo da Traffic.

Uma parceria com os clubes é a proposta da MFD, que entrou no mercado há meses, com uma nova proposta de investimento. "Somos parceiros dos clubes nos direitos econômicos dos jogadores, de preferência com no máximo 50%. Não somos procuradores ou agentes de jogadores. Nosso contrato é com o clube, onde encontramos maior segurança jurídica", ressalta Vantuil Gonçalves, sócio da empresa.

As empresas ocupam uma lacuna deixada pelos clubes que, na opinião de Julio Mariz, não fazem seus próprios fundos por questão de perfil. Espaço que as empresas estão sabendo ocupar. "E já pensou que prazer estar vendo uma partida de futebol e poder acompanhar seu ativo dentro de campo? Tem gente que investe em soja e nunca pegou um só grão na mão e que compra ações de uma companhia que nem sabe com exatidão o endereço", brincou Júlio.

Exemplo : 05 /12/2007 - Terceiro melhor zagueiro pela esquerda do último Campeonato Brasileiro, o botafoguense Juninho acertou, na tarde desta sexta-feira, sua transferência para o São Paulo. O pentacampeão brasileiro comprou 50% dos direitos federativos do jogador, que são **vinculados à empresa MFD, por U\$ 500 mil**. O acordo foi fechado em reunião realizada na capital paulista.

Exímio cobrador de faltas, Juninho marcou 10 gols pelo Botafogo na competição.

Para contratar o botafoguense, o Tricolor venceu a concorrência do Grêmio e do Locomotiv de Moscou, da Rússia.

O São Paulo teve a defesa menos vazada da Brasileirão, com apenas 19 gols sofridos, e a contratação de Juninho é apontada como indício da iminente saída do jovem Breno para o futebol europeu.

Justificativas: Bebeto de Freitas também explicou sobre o fato do Botafogo ter cedido os direitos de Juninho para a empresa MSD em troca de um valor financeiro para pagar dívidas. Com isso, o time carioca não recebeu nada pela saída do defensor. Para o dirigente, o Botafogo não tinha alternativas para saldar seus compromissos.

“Para nós, foi um acerto de contas. A relação com as pessoas que financiam essa empresa são as melhores possíveis. O Botafogo e seus torcedores devem, toda vez que passarem por essas pessoas, jogar um tapete vermelho. São profissionais respeitáveis, não vivem de transações”, elogiou Bebeto de Freitas.

Além de Juninho, o Botafogo cedeu parte dos direitos de outros jogadores para arrecadar mais dinheiro. “O Jorge Henrique e o Diguinho também estão presos a essa empresa, cerca de 30% a 40%. O único caso de 100% era o Juninho”, finalizou Bebeto de Freitas.

Empresários querem investir (05/12/2007)

O Cruzeiro pode contar com a ajuda de dois poderosos grupos para reforçar o seu time na temporada 2008, especialmente para a disputa da Copa Libertadores da América.

O vice-presidente de futebol Zezé Perrella revelou ter recebido sondagens de empresários dispostos a investir milhões em contratações de jovens talentos do futebol brasileiro.

O detalhe é que o clube, que já dispõe de um elenco muito jovem, busca atletas mais experientes.

O primeiro interessado é o mesmo grupo espanhol que trouxe o atacante Marcelo Moreno para a Toca da Raposa no mês de março. O Cruzeiro recebeu, sem custos, 40% dos direitos do atacante a troco de sua exposição na elite do futebol brasileiro.

De acordo com Perrella, o investimento agora seria bem mais alto. “Eles estão buscando reforços, e nos procuraram essa semana nos dizendo: ‘olha, nós queremos contratar jogadores em parceria com o Cruzeiro, nós estamos com dinheiro para gastar, estamos com R\$ 10 milhões para investir, mas onde está esse jogador?’ Obviamente que investidor não vai contratar jogadores velhos, espera obviamente um retorno técnico”, revelou Perrella à *Rádio Itatiaia*.

Quem também está disposto a reforçar o Cruzeiro para obter lucro com transferências no futuro é o empresário gaúcho Delcir Sonda, dono da rede Sonda de Supermercados e da Sonda Export, que exporta produtos tipicamente brasileiros para 32 países.

Delcir Sonda foi um dos responsáveis pelo retorno de Nilmar ao Internacional e é detentor de parte dos direitos do zagueiro Breno, do São Paulo, dentre outros jovens talentos do país. Dinheiro é que não falta ao ex-lavrador. Sua rede de supermercados é a 5ª maior da cidade de São Paulo e a 14ª no Brasil. O faturamento anual da cadeia é de R\$ 950 milhões, diz o site do grupo.

“Eles estão dispostos a investir em parceria com o Cruzeiro”, acrescentou o vice-presidente.

Embora tenha dinheiro dos parceiros na mão, Zezé Perrella vê dificuldades para reforçar o Cruzeiro para a Libertadores. “Você pára para pensar e na verdade você não vê ninguém. Eu não vejo ninguém no mercado brasileiro hoje, de jogadores jovens, até 23 anos, que você pode dizer que é melhor do que os que nós temos aqui. A grande dificuldade é achar os jogadores para contratar. Trazer jogadores medianos, só promessas, não adianta. Eu nunca vi uma safra tão ruim no Brasil. Eu acho que é porque está saindo jogador do Brasil hoje com 14, 15 anos”, disse Perrella.

Até o momento, o Cruzeiro só contratou três jogadores para a próxima temporada. O zagueiro Marcelo Tavares, do Al-Hilal da Arábia Saudita, e os jovens Elicarlos, volante do Náutico, e Apodí, destaque do Vitória na Série B do Campeonato Brasileiro. “Os jogadores que despontaram nessa competição, nós trouxemos os dois, que foram o Elicarlos e o Apodí”, concluiu o dirigente.

Estratégia foi insistentemente usada no passado

Nos últimos anos, o grupo farmacêutico EMS Sigma Pharma, de São Paulo, apostou seguidas vezes na contratação de jogadores para o Cruzeiro. Alex Alves (baiano), Fábio Júnior, Marcelo Ramos, Martinez e Edu Dracena foram alguns alvos de investimento.

O maior lucro da empresa foi na venda de Fábio Júnior para a Roma da Itália em 1999. Dos US\$ 15 milhões da transferência internacional, o laboratório ficou com a metade.

Traffic criará fundo para investir no Palmeiras (12/12/2008)

Empresa do palmeirense J. Hawilla já tem participações em jogadores como Diego Cavalieri, Pierre, Gustavo, entre outros

A participação da Traffic no futebol do Palmeiras, ao contrário do que muitos torcedores pensam, não é uma novidade. A partir da metade deste ano, a empresa de marketing esportivo, do palmeirense J. Hawilla, estreitou as relações com a cúpula do Alviverde.

O grupo já tem participação em porcentagens dos vínculos de seis jogadores: o goleiro Diego Cavalieri, os zagueiros Gustavo e David, do volante Pierre, do lateral-esquerdo Valmir e do lateral-direito Amaral. O negócio agradou à Traffic, que agora pretende criar um fundo de investimentos, regulamentado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), para investir no clube.

A diretoria do Palmeiras espera uma injeção inicial de cerca de US\$ 20 milhões (cerca de R\$ 35 milhões) para o fundo, o que já causa certa euforia.

Tudo vai depender do mercado. O valor pode chegar a R\$ 40 milhões ou R\$ 10 milhões, como também pode ir a R\$ 100 milhões – explicou Felipe Lobo Faro, diretor de negócios de futebol da Traffic.

A CVM é quem regulamenta o mercado de ações. Os investidores compram cotas do fundo, que capta dinheiro. O retorno vem no futuro. Guardadas às devidas proporções, é algo similar à Cesta de Atletas, onde empresários palmeirenses investiram em atletas do elenco.

A diferença é que a Traffic visará as contratações. O Palmeiras indica um nome, um comitê da empresa avalia a possibilidade e, então, a empresa ajuda a investir.

– Nós já temos participações em vários jogadores do Palmeiras. Foi algo pioneiro e isso com certeza pode continuar. A intenção agora é de fazer esse fundo – declarou Faro.

– A Traffic manifestou o desejo de fazer essa parceria. Vamos trabalhar nisso – comentou o diretor de futebol do Verdão, Genaro Marino.

Nos casos dos jogadores em que a Traffic já tem participação, a empresa também lucrará em futura venda. O mesmo acontecerá com aqueles que forem contratados a partir do fundo de investimento.

A parceria em nada tem a ver com aquela feita com a Parmalat nos anos 90, que rendeu inúmeras conquistas ao clube. A empresa fez uma co-gestão na época, visando ganhar mercado no Brasil por meio do Palmeiras. O ramo da Traffic é outro e visa apenas obter lucro.

AS VANTAGENS DO INVESTIMENTO

O esporte é, portanto, uma boa forma de investimento, tanto para as empresas como para as pessoas físicas, o que garante um retorno de investimento rápido, que nenhum outro investimento proporcionaria.

A criação de um fundo para captar investimentos para um time de futebol é uma prática adotada pelos principais clubes de Portugal há alguns anos. Endividados, Sporting, Porto e Benfica encontraram na associação com fundos de investimento uma mina de ouro para contratar jogadores.

Desde o início da década que os três clubes contratam jogadores com o dinheiro desses grupos. Em troca, o atleta fica vinculado ao clube e, quando negociado, o fundo recebe o lucro da operação.

A última transação milionária envolvendo um jogador brasileiro aconteceu no mês passado **(10/2007)**. O atacante Alexandre Pato foi vendido pelo Internacional ao Milan por US\$ 20 milhões (cerca de R\$ 38 milhões). Desse valor, Gilmar Veloz, agente do atleta, levou US\$ 2 milhões na venda. Mesmo assim, não é sempre que os agentes preferem ganhar muito dinheiro de uma vez só. Para conseguir a liberação do santista Robinho para o Real Madrid, em 2005, tanto o empresário Wagner Ribeiro quanto o jogador abriram mão de suas partes. O time espanhol deveria pagar US\$ 50 milhões contando a parte dos dois, mas pagou apenas os US\$ 30 milhões a que o Santos tinha direito, mas o agente levou cerca de US\$ 3 milhões do Real.

Realidade do futebol brasileiro vender para fazer 'caixa' (10/12/2007)

Fim de temporada é sempre marcado por conquistas e tristezas. Alguns terminam o ano comemorando títulos, classificação para competições internacionais ou até mesmo a permanência na elite do futebol nacional. Para outros o fim de temporada é recheado de tristezas e incertezas pelo insucesso do clube dentro de campo.

Mas uma coisa é, quase, sempre igual para todos os clubes brasileiros, independente se tiveram um ano vencedor ou fracassado: a venda de alguns atletas para compor o caixa e iniciar o planejamento para a próxima temporada.

O campeão do Brasileiro, São Paulo, não foge a regra. A equipe se destacou na temporada pela grande efetividade de sua defesa, e como consequência, pode perder a jovem revelação Breno para o futebol europeu. Alguns clubes alemães e italianos já demonstraram interesse em comprar o jogador.

“O São Paulo, como todo time de futebol, precisa vender alguns jogadores para manter a saúde financeira do clube. Acredito que o principal diferencial é como isso é feito. Aqui temos um planejamento todo definido já no início da temporada para que o clube realmente lucre com estas transferências”, explica Marco Aurélio Cunha, superintendente de futebol do clube.

Outro time bem classificado no Campeonato Brasileiro, mas que já fala na possibilidade de perder alguns destaques é o Cruzeiro. O presidente do clube Alvimar Perrela, afirmou em entrevista coletiva que o time celeste irá vender alguns de seus jogadores porque precisa fazer “caixa”.

“Naturalmente que num mês de janela aberta para a Europa, o Cruzeiro pode perder alguém. Então realmente precisamos fazer caixa e negociar um ou dois jogadores. Mas, naturalmente, para se disputar uma Copa Libertadores você tem que estar com equipe forte. Nosso pensamento, mesmo que saia um ou outro, é o Cruzeiro ser fortalecido. Vamos contratar o novo treinador para definir quem poderá vir”, explicou o presidente cruzeirense.

A receita bruta obtida pelo Cruzeiro em 2007 com a venda de jogadores foi de R\$ 26 milhões, mas segundo Alvimar Perrela esse valor poderia ter sido ainda maior se não fosse pelos problemas nas transferências de Wagner para o Al-Ittihad e de Marcinho e Diego para o Saint-Etienne.

GRUPOS DE INVESTIMENTO ATACAM O FUTEBOL MINEIRO (15/08)

A prática não é nova e, certamente, esse filme você já viu: no auge do campeonato, seu time do coração disputa as primeiras colocações e, mesmo a contragosto do clube e da torcida, os principais jogadores são negociados ao futebol do exterior

Desde a implantação da Lei Pelé, há 10 anos - que veio para acabar com a "escravidão" dos jogadores de terem seu passe preso estritamente a clubes de futebol -, pipocaram empresários, grupos de investimento, donos de supermercado, hospital e banqueiros bem dispostos a lucrarem com atletas e aproveitarem da penúria financeira das principais equipes brasileiras.

A invasão de terceiros no futebol, em evidência nas principais negociações milionárias dos últimos anos - especialmente para times europeus e do Oriente Médio -, foi um dos efeitos colaterais da lei, em vigor desde março de 1998. "Efeito colateral" pois nem sempre o interesse desses investidores são os mesmos dos clubes e torcedores e, sim, a busca por lucros cada vez maiores. A intenção é fazer dinheiro e não "amor à camisa".

Em entrevista recente ao repórter Andrew Downie, do The New York Times (matéria Trading in soccer talent, de 19 de julho), o empresário Thiago Ferro, parceiro no departamento de investimento em futebol do Grupo Sonda, revelou que o grupo investe em média US\$ 10 milhões por ano em novos talentos e que os valores estão crescendo rapidamente por causa dos lucros, que, segundo ele, chegam a 150% ao ano.



Parte dos direitos de Breno, ex-São Paulo, também pertenciam ao Grupo Sonda

O Grupo Sonda, do empresário Delcir Sonda, dono da rede de supermercados que também leva seu sobrenome, lucrou no início do ano com a venda do zagueiro Breno, ex-São Paulo, ao Bayern de Munique, por US\$ 19 milhões. O Grupo ainda espera cifras significativas com a venda do armador Thiago Neves - do qual tem 66% dos direitos econômicos -, que faz boa campanha com a Seleção Olímpica em Pequim.

No Cruzeiro, o Grupo gaúcho (que atua nas negociações com o nome de DIS Esportes), foi responsável pela contratação do armador colombiano Javier Reina, de 19 anos, ex-América de

Cali. Os dois parceiros detêm 80% do atleta e, em caso de negociação, o valor da venda será dividido pela metade. À época, a diretoria celeste teve autonomia para aprovar a venda, cabendo ao Sonda a indicação dos atletas contratados - o atacante Carlos Preciado, do mesmo time, foi descartado.

"Acho que é uma tendência. Os maiores clubes do país fazem isso, pois é notória a dívida que têm. É uma boa alternativa ter um grupo de investidores junto ao time para contratar jogadores jovens em parceria", comentou o diretor de futebol do Cruzeiro, Eduardo Maluf, na apresentação do atacante Wanderley, último reforço trazido à equipe, também por intermédio de investidores. Uma cláusula de confiabilidade não permite a divulgação do nome do fundo, nem do valor do investimento no jovem atacante vindo da Ponte Preta.

Os grupos de investimento conseguem lucros extraordinários da seguinte forma: compram parte ou a íntegra dos direitos econômicos do jogador; empresta-os aos times, que os pagam salário e permitem que mostrem seu talento. Caso alguma equipe do exterior se interesse, os investidores ficam com a maior parte da taxa de transferência e ao jogador, resta apenas um bônus pelo contrato.

Na prática, a Fifa proibiu o domínio de terceiros sobre os clubes. Segundo a entidade, em nota emitida no começo desse ano, "nenhum clube entrará em contrato que permita que outra parte ou uma terceira parte adquira a capacidade de influenciar em assuntos relacionados à atividade ou transferência, sua independência, suas políticas ou o desempenho de suas equipes". No entanto, como nenhum caso foi reportado oficialmente à Federação, não pode existir investigação.

Ou seja, os investidores não podem interferir nas transferências, seja quanto ao valor ou momento da transferência. Podem continuar adquirindo direitos econômicos, mas quem definirá o valor e a hora da venda será sempre o clube.

[Conheça algumas das empresas que investem pesado em jogadores \(15/08\)](#)



TRAFFIC

Com sede em São Paulo, a empresa criada pelo ex-radialista J. Hawilla nasceu ainda nos anos 1980, vendendo espaços publicitários em estádios. Avançou no marketing esportivo na década seguinte e ampliou seu mercado de atuação na administração de competições e na compra de direitos de transmissão de torneios na América do Sul.

Para investir diretamente em jogadores, o grupo mantém duas equipes: o **Miami FC** - único time de futebol profissional da Flórida, criado em 2005 - e o Desportivo Brasil, criado e administrado pela Traffic, no qual é usado para registrar jogadores emprestados às equipes maiores, principalmente o Palmeiras. Além disso, criou o fundo Cedro Participações, com cerca de R\$ 20 milhões da própria empresa (com a compra de cotas por outros participantes, o valor subiu para R\$ 32 milhões).

A previsão de lucro da empresa é de aproximadamente 30% ao ano. Até o primeiro semestre desse ano, o fundo havia comprado os contratos de 36 jogadores - 12 deles emprestados ao Palmeiras.

SONDA

Comandado pelo empresário **Delcir Sonda**, o Grupo Sonda - que atua no ramo de supermercados desde a década de 1970 - negocia atletas com o nome de DIS Esportes. Ganhou notoriedade principalmente depois de negociar o jovem zagueiro Breno ao Bayern de Munique, por US\$ 19 milhões. Para bater de frente com a Traffic, parceira do Palmeiras, resolveu investir no rival, Corinthians, comprando os direitos de Dentinho, André Santos e Renato, desafogando o time do Parque São Jorge das dívidas.

O grupo gaúcho tem ainda participação em jogadores do Santos, Fluminense - como Thiago Neves e Dario Conca -, e foi responsável pela volta de Nilmar e na contratação de D'Alessandro no Internacional. No Cruzeiro, tem participação nos direitos do armador colombiano Javier Reina, que ainda não vestiu a camisa celeste.

O Sonda investe em média R\$ 16 milhões por ano em novos talentos, mas o valor deve aumentar por causa dos lucros.

LABORATÓRIO EMS SIGMA PHARMA

Sediada no interior de São Paulo, a EMS é líder no segmento farmacêutico brasileiro em faturamento (cerca de R\$ 1,7 bilhões no ano passado) e unidades comercializadas. A empresa tem mais de 40 anos de atuação e, no futebol, participa, há quase dez anos, de negociações de jogadores no Cruzeiro.

Jorge Gontijo/EM/D.A Press



*Magrão e o vice de futebol, Zezé Perrella, durante apresentação na Toca II, em 9 de julho desse ano; investimento feito pelo **Hospital São Luiz***

O grupo também patrocina as duas principais equipes de Campinas - Ponte Preta e Guarani - e investe em outras do interior de São Paulo, como Hortolândia e Bragantino. Em Minas, além da parceria com o Cruzeiro, é uma das patrocinadoras do Ipatinga.

O maior lucro da empresa foi na venda de Fábio Júnior à Roma, em 1999. Dos US\$ 15 milhões da transferência, o laboratório ficou com a metade.

ENERGY SPORTS

Grupo ligado ao Hospital São Luiz, de São Paulo, esteve em evidência recentemente por causa da conturbada negociação do armador Gerson Magrão ao Cruzeiro, por R\$ 2 milhões. Também é uma das investidoras do Palmeiras, que possui dois atletas que têm 50% dos direitos presos ao grupo: Sandro Silva e Fabinho Capixaba. O Energy também pode estar envolvido na vinda de Wanderley, último reforço apresentado pelo time celeste

HÁ 10 ANOS, GRUPO EMS PARTICIPA DE NEGOCIAÇÕES NO CRUZEIRO (15/08/2008)

Com a ajuda da Hicks Muse, Cruzeiro comprou Sorin junto ao River por US\$ 5,08 milhões

Certamente, o Cruzeiro foi um dos clubes brasileiros que souberam aproveitar as mudanças na legislação do futebol e, desde o final da década passada, investe pesado em parcerias que garantem contratações. Um desses grupos é o EMS Sigma Pharma, empresa do ramo farmacêutico, sediada no interior de São Paulo, que também participa de equipes importantes como Ponte Preta, Guarani e Ipatinga.

No começo da década, o clube celeste foi beneficiado pelo acordo com o fundo de investimentos Hicks Muse Tate & Furst (HMTF), que garantiu o pagamento dos salários dos jogadores e investimento em infra-estrutura, em troca de percentuais nas vendas. Dessa parceria saiu a compra do jogador mais caro da história do Cruzeiro: o lateral-esquerdo argentino Sorín, adquirido ao River Plate por US\$ 5,08 milhões.

Cristina Horta/EM/D. A Press



Fábio Júnior, revelado no Democrata-GV, custou muito pouco ao Cruzeiro e ao grupo EMS; tempos depois, atacante foi vendido por US\$ 15 milhões à Roma

Já o grupo EMS conseguiu fazer sua negociação mais vantajosa em 1999, com a venda do atacante Fábio Júnior à Roma, da Itália, por US\$ 15 milhões, no qual ficou com 50%. No mesmo ano, a empresa farmacêutica lucrou também na venda do atacante Alex Alves, ao Hertha Berlim, por US\$ 9 milhões, novamente ficando com a metade. Em contrapartida, a parceria foi responsável pela volta de Marcelo Ramos, que estava no PSV, da Holanda. O Grupo e o Cruzeiro dividiram o valor da compra.

O EMS, nos anos seguintes, participou de outras transações importantes como a venda de Edu Dracena, ao Fenerbahce (Turquia), embolsando 25%. Atualmente, o grupo ainda tem 50% dos direitos econômicos do atacante Kerlon, que se recupera de lesão, na Itália, e do armador Wagner (27,5%).

Esse ano, além da EMS Sigma Pharma, outros dois grupos de investimentos têm aproveitado a estrutura do time celeste e o usado como vitrine em posteriores negociações vantajosas: o Hospital São Luiz, que atua em negócios esportivos com o nome de Energy Sports, responsável pela vinda do armador Gérson Magrão, há pouco mais de um mês, por aproximadamente R\$ 2 milhões, e Grupo Sonda, que investiu na contratação do jovem armador colombiano Javier Reina, do América de Cali.

ROI (Retorno de investimento) no futebol brasileiro

Muito se fala sobre o futebol como a paixão nacional, movido por uma emoção comprovada até mesmo por números. Mas e quanto àqueles que colocam dinheiro no negócio futebol, não estão eles sendo guiados também por uma paixão? Ou por uma ilusão de dinheiro fácil e rápido? Existe razão no investimento no futebol? Não me refiro aqui à questão do patrocínio, ferramenta de comunicação relativamente bem discutida no mercado e que conta com diferentes métodos de mensuração de seu retorno. Apenas a título de esclarecimento, o objetivo do patrocinador é primordialmente a exposição da marca que, associada a outras ações de comunicação, espera-se ser revertida em aumento do recall (lembrança da marca) que, por sua vez, refletirá nas vendas. Para determinar se um patrocínio é interessante à empresa patrocinadora, avalia-se o público atingido, a imagem e a exposição que o atleta/time/evento patrocinado gera na mídia.

No caso do investidor, no entanto, não há interesse em "aparecer" para público algum. É investir agora, com o intuito de obter um valor maior e o mais rápido possível. Para avaliar um investimento, analisa-se o risco, o tempo de recuperação e o lucro gerado. Em outros setores da economia, esta avaliação é fundamental na tomada de decisão de investimento num negócio, seja para iniciá-lo ou para apostar em seu crescimento.

Lei Pelé

Com a Lei Pelé, a venda de jogadores é a única forma de manter as contas do clube em dia. E o principal objetivo de um clube de futebol é diminuir o déficit gerado pelo departamento de futebol, que só se sustenta com a venda das principais promessas ao exterior.

Nota - Implantada em 1998, a Lei Pelé modificou a relação trabalhista entre os clubes e seus jogadores. Antes presos aos empregadores através da lei do passe, os atletas passaram a ter como único vínculo seu contrato de trabalho. Caso não exista uma renovação até seis meses antes do término do compromisso, o empregado pode assinar novo contrato com qualquer outro clube, sem o pagamento de multa.

Como em toda situação crítica, antes de atacar eventuais culpados e apontar as soluções possíveis é necessário que se faça uma análise criteriosa dos fatos e uma identificação precisa do real foco do problema, que entendo estar um pouco desvirtuado.

O futebol sofreu nas últimas décadas um processo de comercialização e internacionalização que o transformou em uma área de negócios muito rentável. Impulsionados pelos impactos do caso Bosman e da conseqüente extinção no instituto do “passe”, os melhores atletas profissionais de futebol passaram a receber salários elevadíssimos e também ofertas “irrecusáveis” para atuarem nos melhores clubes do cenário internacional.

Dessa forma, tornou-se impossível aos clubes nacionais, por mais estruturados que possam ser, manter em seus elencos as principais estrelas.

Moral da história – O clube obrigatoriamente, tem que vender o atleta.

Grupo de investimento árabe confirma compra do Manchester City (01/09/2008)

O grupo de investimento Abu Dhabi United Group concluiu "de forma bem-sucedida" a compra do clube inglês Manchester City, dos brasileiros Jô, Elano e o recém-contratado Gláuber, conforme divulgou nesta segunda-feira a companhia árabe em comunicado à imprensa britânica.

O proprietário anterior do clube era o ex-primeiro ministro tailandês Thaksin Shinawatra, que continuará como presidente honorário do Manchester City.

A nota, assinada pelo representante do grupo árabe, Sulaiman al-Fahim, não dá detalhes financeiros sobre o acordo com Shinawatra.

"O grupo de investimento em Abu Dhabi concluiu de forma bem-sucedida a grande aquisição do clube inglês, um dos mais destacados e tradicionais da Inglaterra", afirma o comunicado.

No entanto, apesar do anúncio feito pelo grupo árabe, o clube inglês ainda não confirmou oficialmente a compra e afirma em seu site que "as conversas continuam" entre ambas as partes.

Parceira palmeirense, Traffic contrata Parreira para revelar jogadores (03/09/2008)

Carlos Alberto Parreira, 65, foi o escolhido para o projeto mais ambicioso da Traffic, agência de marketing esportivo e parceira do Palmeiras. A contratação dele faz parte do plano da empresa de criar um centro de excelência para a formação de jogadores e técnicos.

Ele será o **diretor técnico da "Academia Traffic de Futebol"**, moderno centro de treinamento que será inaugurado pela empresa em Porto Feliz (a 112 km da capital paulista). É lá que Parreira dará seus primeiros passos como executivo e terá a missão de revelar jogadores e treinadores para serem colocados no mercado.

"Ele não só vai supervisionar como vai preparar toda a equipe técnica. Nós queremos ser uma grife nisso. Fazer um trabalho de excelência, melhor que o dos clubes", disse J.Hawilla, o presidente da Traffic.

O novo desafio do ex-treinador da seleção o fez revelar que está perto da aposentadoria. "Esse é o primeiro grande passo para eu sair das quatro linhas. Não é que eu queira deixar [de ser treinador]. É que, depois de 40 anos, você começa a pensar mais na família, nos netinhos", declarou Parreira.

De acordo com ele, a chance de assumir o Palmeiras caso Vanderlei Luxemburgo vá para a seleção brasileira é "zero". Os executivos da Traffic revelaram que há três anos tentavam convencê-lo a trabalhar na empresa. "Resolvi aceitar porque acredito nisso. Será um projeto de médio a longo prazo", falou o agora diretor.

O novo local de trabalho de Parreira custou R\$ 16 milhões, terá cinco campos oficiais, alojamento para 120 atletas, salas de fisiologia e musculação. Os alunos terão aulas de idiomas e até curso de boas maneiras.

A empresa estima que a manutenção do centro custará cerca de R\$ 4,5 milhões ao ano. "É um projeto muito caro, manter mais de cem garotos e 30 profissionais. E qual é a garantia que temos de retorno? Nenhuma", disse Parreira. A idéia da Traffic é construir outros dez iguais espalhados pelo Brasil. A empresa já tem uma série de olheiros espalhados para garimpar jogadores.

O segundo passo é fazer parcerias com clubes para colocar os atletas na vitrine. Atualmente, a Traffic tem um clube-empresa, o Brasil Desportivo, que tem a finalidade de revelar atletas. "Esse é o melhor modelo de apoio ao futebol, melhor do que MSI ou Parmalat, porque queremos a profissionalização da administração dos clubes", afirmou Hawilla.

O executivo usa o modelo de parceria com o Palmeiras para exemplificar seu pensamento. "O fundo ficou maior que o Palmeiras e, por isso, colocamos atletas em outros clubes."

A Traffic administra um grupo de cotistas para investir R\$ 40 milhões em jogadores. "Nós criamos um modelo novo, que é uma sociedade anônima de capital fechado que permite a pessoas físicas e jurídicas adquirir direitos econômicos de jogadores", disse Julio Mariz, executivo da empresa.

Na apresentação do projeto, a Traffic fez questão de informar que não quer competir com os clubes. No entanto o desejo da empresa mexe numa seara que é considerada atualmente a salvação dos clubes.

Depois das cotas de TV, a revelação e a venda de jogadores são consideradas as principais fontes de receita das equipes. "Não vamos brigar com ninguém. Acho que vamos contribuir com todos", disse Hawilla. Parreira, no entanto, foi mais realista em sua previsão. "A mudança é a quebra de um paradigma e, claro, isso provoca resistência", falou o treinador.

Em 13 anos São Paulo FC arrecadou US\$ 122 mi em pratas da casa

08/09/2008

A diretoria do São Paulo planeja, em no máximo cinco anos, ter 70% de jogadores de seu time principal procedentes da base. Afirmo que só dessa forma não será refém dos fundos de investimentos, como Traffic e Sonda. O trunfo para isso é o investimento feito no CT de Cotia. Cálculos do clube apontam que foram vendidos US\$ 122 milhões em pratas da casa nos últimos 13 anos, o que dá uma média de US\$ 9,4 milhões por ano. O custo do centro de treinamento da base, segundo o clube, é de US\$ 3 milhões a cada ano.

Por Eduardo Arruda

Folha de S. Paulo (Painel FC), 06/09/2008

Felipe Lobo Faro, traffic (01/11/2008)

O diretor de negócios de futebol da Traffic Sports contou como empresas investidoras atuam na modalidade e sobre a Academia Traffic de Futebol

Marcelo Iglesias

A atuação de empresas dentro do futebol mundial é um negócio cada vez mais comum em todo o planeta. No Brasil, “o país do futebol”, essa realidade não poderia ser diferente. Além dos patrocínios nos uniformes e como fornecedoras de materiais esportivos, as empresas passaram a comprar porcentagens de passes de atletas ou a sua totalidade e até a construir centros de treinamento para a formação de jogadores e de treinadores.

Um exemplo de empresa que decidiu investir pesado na formação de jogadores foi a Traffic Sports, empresa de marketing especializada na área esportiva. Ela montou a Academia Traffic de Futebol, com tudo o que há de mais moderno para a construção de um atleta de maneira consciente e sem exageros que possam gerar problemas físicos ou psicológicos futuros ao espaço, localizado em Porto Feliz, no interior de São Paulo.

“Como investidor a gente quer ter um jogador que possua um determinado perfil: seja novo, tenha um potencial de crescimento muito grande, que esportivamente seja um jogador com características para jogar fora do Brasil, e com uma personalidade boa para se adaptar no exterior”, afirmou Felipe Lobo Faro, diretor de negócios de futebol da Traffic Sports, em entrevista exclusiva à **Cidade do Futebol**.

Além de definir o perfil dos jogadores procurados pela empresa para a compra de parcelas dos seus passes, Felipe Faro também falou sobre a Academia Traffic de Futebol, a forma como ela pretende atuar na modalidade dentro do Brasil, sobre as novas formas de ação das empresas dentro do futebol e até sobre as perspectivas da modalidade frente à crise financeira pela qual passa o mundo.

O profissional também evidenciou e explicou o papel das empresas investidoras no futebol, e mostrou como a compra da porcentagem do passe de atletas pode ou não influenciar na carreira do jogador.

Cidade do Futebol – A Traffic está montando um projeto que terá como foco a formação de atletas e treinadores de futebol, que recebeu o nome de Academia Traffic de Futebol. Conte um pouco sobre essa iniciativa.

Felipe Faro – Quando nós formamos um time, precisávamos de um centro de treinamento. Em um primeiro momento, alugamos um espaço no Sport Ville para preparar meninos sub-15, sub-17 e sub-20. Esse é um trabalho que nós já fazemos há três anos. Estamos na terceira temporada agora e vamos para a quarta, no ano que vem. Nós participamos do Campeonato Paulista, da Taça BH, Copa São Paulo, enfim, de todos os torneios mais importantes do Brasil.

Desde quando a gente começou o planejamento do projeto, já tínhamos a idéia de montarmos um centro de treinamento próprio. Com o passar dos anos, a gente foi amadurecendo essa idéia, procurando terrenos, buscando prefeituras e entidades com as quais pudéssemos realizar uma parceria.

Por fim, nós compramos um terreno em Porto Feliz e começamos a construir um centro de treinamento que, mais tarde, batizamos de academia. E nesse centro de treinamento, que será inaugurado no final deste ano, existirá tudo que há de melhor no que se refere à preparação para atletas.

Nós continuamos com os nossos times sub-15, sub-17 e sub-20 e, nesse centro de treinamento, nós teremos uma academia com os aparelhos de ginástica top de linha, fisioterapia da melhor qualidade...

Enfim, tudo aquilo que for necessário para a formação do atleta, nós vamos ter do melhor nesse local.

Além da idéia de montar essa academia que será inaugurada ainda em 2008, nós estamos estudando a possibilidade de montarmos mais quatro ou cinco unidades espalhadas pelo Brasil, em regiões diferentes, as quais seriam franquias à academia máster, que será essa realizada em Porto Feliz.

Na verdade, não seria um esquema de franquia, mas seria mais ou menos isso, só para ter-se uma idéia. Seriam academias conveniadas, em que seriam passadas para todas elas uma mesma metodologia e todo treinamento dos atletas ficaria sob nossa supervisão.

Cidade do Futebol – Por que foi escolhido o nome de Carlos Alberto Parreira para comandar esse empreendimento?

Felipe Faro – O nome do Parreira surgiu porque, qualquer pessoa que fosse pensar em um projeto desse nível e desse porte, ou em qualquer coisa relacionada com o futebol e quisesse ter uma pessoa com uma vasta experiência, necessariamente todos pensariam nele.

Aliado a isso também estava o fato de que nós temos um bom relacionamento com ele e decidimos realizar esse convite. No entanto, eu acredito que todos no Brasil e até mesmo no mundo, se fossem criar um empreendimento desse nível, iam ver no Parreira uma pessoa para contribuir.

Cidade do Futebol – A revelação e a venda de jogadores de futebol é, atualmente, uma das maiores fontes de renda dos clubes brasileiros, os quais têm muitas dívidas. Um projeto como Academia Traffic de Futebol não pode piorar ainda mais a situação financeira dessas agremiações?

Felipe Faro – Eu acredito que essa nossa iniciativa é algo que já é feito por vários outros clubes. O nosso diferencial é simplesmente que nós faremos com a mesma qualidade que alguns poucos fazem.

Contudo, eu não penso que as coisas vão caminhar da forma como foi colocada. Pelo contrário, acredito que teremos jogadores em melhores condições tanto tecnicamente quanto naquilo que se refere à filosofia de vida, muito mais bem preparados para enfrentarem desafios.

Na verdade, do meu ponto de vista, será mais uma empresa ou mais um clube formando atletas com uma qualidade que, hoje, poucos conseguem ter. Nós seremos apenas mais um nesse ramo de formação de jogadores e não penso que será algo que vá atrapalhar os clubes nos seus projetos relacionados a isso.

Cidade do Futebol – A compra de jogadores e/ou de porcentagens do passe de atletas por parte de empresas é algo que tem se tornado bastante freqüente no Brasil. Como isso pode interferir na modalidade?

Felipe Faro – Primeiramente, temos que salientar que esse é outro *business* da empresa. Nós estávamos falando da formação de atletas e agora vamos conversar sobre a compra da porcentagem de passe de jogadores. São coisas que lidam com atletas de perfis diferentes. É outra área de negócio também esses atletas que já estão colocados no mercado do futebol e têm uma certa visibilidade, pois já estão encaixados em um time.

Eu penso que essa compra de porcentagens de passes ou de passes completos de jogadores é outra ação que ajuda bastante o futebol brasileiro, pois na medida em que se têm empresas ou investidores com disponibilidade financeira que acreditam em atletas e os deixam mais próximos dos clubes, a tendência é que os clubes fiquem cada vez mais fortes. Isso porque, a despesa da agremiação vai ser com o pagamento de salários somente, deixando de ter gastos com a formação de jogadores.

Além disso, se o clube adquirir o jogador, ao final, quando o atleta for negociado, a agremiação também terá direito de receber uma parcela do montante do dinheiro. Portanto, é um negócio que vai deixar os clubes mais fortes no Brasil, tanto esportivamente como financeiramente.

Cidade do Futebol – Desde 1994, pelo menos, a quantidade de jogadores que são vendidos para clubes do exterior é a cada ano maior (exceto no período entre 2001 e 2002, por conta do ataque terrorista ao *World Trade Center*). No entanto, os valores da maioria dessas transferências são muito baixos. Como a atuação de empresas como a Traffic pode mudar esse quadro?

Felipe Faro – Na verdade, eu não vejo o investidor tomando qualquer tipo de atitude que faça o preço do atleta subir ou descer. Isso depende muito da situação em que se encontra o mercado. O jogador vale o que o mercado oferece por ele. Se determinado jogador é vendido por esse ou por aquele valor é o quanto os componentes do mercado acham que faz sentido pagar-se por aquele atleta.

Eu não vejo o investidor tendo qualquer tipo de relação decisiva para aumentar o diminuir o valor de um jogador. Isso depende basicamente do desempenho do jogador e de quanto o mercado está pagando por aquele tipo de atleta.

Cidade do Futebol – O futebol é uma fonte de investimento bastante rentável. No Brasil, porém, existe uma invasão muito grande da paixão pelo esporte na forma de atuar dos dirigentes dos clubes, e a população em geral não está preparada para enxergar a modalidade como um negócio. Quais são as dificuldades de se investir no futebol brasileiro?

Felipe Faro – Em um primeiro momento, a paixão da torcida em relação ao clube é algo essencial para que o negócio corra conforme o esperado.

No entanto, até o presente momento a Traffic nunca teve nenhum tipo de problema relacionado à paixão de algum tipo de dirigente pelo clube. Nunca deixamos de fazer algum negócio porque a pessoa do clube era apaixonado ou não pela agremiação. A paixão dos administradores não chegou nunca a inviabilizar qualquer um dos nossos negócios em termos de aquisição dos direitos econômicos dos jogadores.

O que, eventualmente, inviabiliza esse tipo de transação são as relações com o clube que quer vender o passe, com o próprio atleta, com o seu procurador. Enfim, negociações comuns, naturais, que às vezes não são possíveis. Mas nunca porque determinado dirigente de clube é apaixonado.

Cidade do Futebol – Os principais compradores de atletas brasileiros são os europeus (principalmente os portugueses). Com a crise financeira pela qual está passando a economia mundial, e que atinge principalmente os países mais desenvolvidos, quais são as perspectivas para o futebol brasileiro no que se refere à transferência de jogadores em 2009?

Felipe Faro – A realidade é que ninguém sabe muito bem o que vai acontecer, quanto tempo vai durar essa crise, e quais serão os seus efeitos colaterais.

O que a gente sabe, relacionado ao futebol, é que os clubes de fora logicamente devem sofrer um impacto, pois muitos desses clubes têm ação nas bolsas. Talvez, os principais clubes compradores de atletas brasileiros tenham ações nas bolsas.

Nós temos que esperar para ver o que irá acontecer. Eu penso que, de fato, vai acontecer uma diminuição dos valores de transferência, como também nas renegociações salariais, isso também seja levado em consideração.

Mas, como eu disse, nós temos que esperar para ver como essa crise vai atingir o mercado do futebol. O natural é que hajam conseqüências, mesmo porque muitos dos principais clubes do mundo têm ações nas bolsas.

Assim como todas as empresas e indústrias estão esperando alguma coisa mais clara, a gente também está. A indústria do futebol está aguardando uma definição, a poeira assentar, para daí fazer uma projeção para a próxima janela de transferências.

Apesar de que a "janela" de janeiro, historicamente, não é uma "janela" forte. Então, provavelmente, nós vamos sentir os efeitos só na próxima janela de junho. *[N.R: A "janela", no caso, se refere ao período em que são permitidas inscrições de jogadores em países da Europa].*

Cidade do Futebol – A entrada de empresas no futebol como donas de clubes foi algo bastante comentado neste ano, principalmente, o caso Manchester City que do dia pra noite tornou-se uma das agremiações mais ricas do planeta. Quais são os bons e os maus aspectos desse tipo de interferência?

Felipe Faro – Eu acho que isso é algo bom. Na verdade, o Manchester City não se tornou o clube mais rico do mundo do dia pra noite, pois o fundo de investimento que o comprou tem dinheiro, mas se analisarmos o seu balanço, não é isso que ele reflete e também não será assim nos próximos anos. Isso porque o cenário vai mudar a partir do momento em que ele começar a disputar a Champions League, ou a ponta do Campeonato Inglês, ou se tornar um clube vendedor de jogadores.

De qualquer maneira, eu acho que a entrada de investimento no futebol é algo natural, porque procura-se sempre negócios com um potencial de crescimento grande e que estejam “virgens”, ou seja, que já não sejam parte do cotidiano dos investidores, passou a ser algo natural a procura por clubes.

E eu vejo isso com bons olhos, desde que seja tudo feito de maneira muito clara e transparente, não há nenhum problema.

Cidade do Futebol – A questão da imagem do atleta é, hoje, um dos pontos mais trabalhados no futebol. Como e quanto isso interfere na carreira e na vida de um jogador? Qual é o limite da empresa que possui uma parte ou a totalidade do passe de um atleta para interferir na sua vida pessoal, uma vez que ele é um “produto”?

Felipe Faro – Eu acho que o investidor não tem nenhuma influência nesse aspecto. O que o investidor faz é, simplesmente comprar um pedaço do jogador, ou um pedaço dos direitos econômicos ou a sua totalidade.

Na maioria das vezes, o que acontece é que o atleta continua com o vínculo federativo preso ao clube. Basicamente, o investidor está recebendo um crédito da agremiação, é como se funcionasse como uma questão de crédito.

Aliás quando algumas pessoas dizem que tal investidor tem percentual de tal atleta e isso pode atrapalhar, é porque, provavelmente essas pessoas não têm conhecimento profundo do negócio, pois não existe nenhuma chance de um investidor influenciar esportivamente a carreira de um atleta. E um

atleta de alto nível não se submete a esse tipo de negócio.

O que acontece, às vezes, é o agente do atleta, que nada tem a ver com o investidor ou, em outros casos, é o próprio investidor, ele procura direcionar o jogador da melhor maneira que ele enxerga as coisas, investindo em negócios fora do futebol junto com o atleta, direcionando a carreira e a imagem do jogador, uma vez que, geralmente, os agentes são pessoas de confiança dos atletas.

No entanto, o investidor não tem a pretensão de atuar interferindo na maneira como o jogador vai gerir a sua imagem e o que ele vai fazer ou deixar de fazer no seu tempo de folga. Isso é algo ligado exclusivamente ao agente do atleta.

Cidade do Futebol – Quais são os critérios utilizados para escolherem-se os profissionais dos quais se quer comprar uma determinada porcentagem do passe?

Felipe Faro – No caso da Traffic, o primeiro passo é uma análise realizada por um grupo de observadores. Nós vemos e analisamos todos os jogos do campeonato nacional da série A, da série B, e muitas partidas da série C também, e os principais campeonatos regionais. Esses observadores separam aqueles atletas que se destacam nos confrontos. Independentemente disso, pessoas da nossa confiança nos indicam alguns jogadores e nós vamos acompanhando-os.

Uma vez interessados pelo atleta, nós realizamos uma análise *in loco*, na partida. Após isso, avaliamos o jogador em termos de personalidade, porque isso é outro critério bastante relevante para que se decida contratar um atleta ou não.

Depois dessas etapas, nós afunilamos o processo até chegarmos à conclusão de que vale a pena ou não, tanto em termos desportivos como no que se refere à personalidade do jogador. Outro aspecto também é o financeiro. Nós sempre analisamos se o custo-benefício vale a pena. Só então é que fazemos uma proposta para o clube.

Então, para que nós façamos uma proposta e, eventualmente, adquiramos parte dos direitos financeiros do jogador, existe um caminho que foi iniciado lá atrás de acompanhamento do atleta nos últimos dois meses, no mínimo, tanto na parte desportiva quanto referente à personalidade fora de campo.

Cidade do Futebol – Esses investimentos são feitos em sempre em jogadores que se pretende como um craque, ou também há casos de compra de parcelas do passe de atletas que já possuem reconhecimento no futebol?

Felipe Faro – Como investidor a gente quer ter um jogador que possua um determinado perfil: seja novo, tenha um potencial de crescimento muito grande, que esportivamente seja um jogador com características para jogar fora do Brasil, e com uma personalidade boa para se adaptar no exterior.

A maioria dos jogadores com os quais a gente trabalha é de jovens com um grande potencial de crescimento. Nós não investimos em jogadores já consagrados, a não ser que seja uma exceção específica como, por exemplo, o Diego Souza, que foi um dos primeiros com os quais a gente trabalhou.

Na época, em que iniciamos nossos investimentos nele, falava-se muito no Diego Souza, embora ele não seja um jogador de destaque de nível de seleção brasileira. Mas, acreditamos que ele ainda tem potencial para crescer e ele ainda é muito novo. Ele teve uma passagem pelo exterior e não vingou, mas ainda é novo. Além disso o Diego Souza é um jogador que serviu para mostrarmos credibilidade no

nosso negócio e que era bastante disputado na época, além de nos trazer um retorno bastante bom no investimento.

ORGANIZADOR

NILSON RIBEIRO

Consultor Esportivo , Jurídico, contábil e Administrativo

consultor@mastersports.com.br

MSN: nilsonribeiro@agentefifa.com.br

Site: www.mastersports.com.br

Tel: +55 (31) 3224 – 9155 / Cel: +55 (31) 9171 – 4038